

Avanço da extrema direita ameaça agenda climática na União Europeia

Partidos que rejeitam pautas ambientais podem ganhar força nas eleições de junho ao Parlamento

Michele Oliveira

MILÃO "Quem fala de aquecimento global é o mesmo que quer vacinação obrigatória". A frase, escrita em italiano com letras maldicas, está num cartaz, afixado em uma rua tranquila de Milão, assinado por um grupo investigado na Itália por espalhar teorias conspiratórias sobre a vacina contra a Covid-19. Amenizada a pandemia, sobrou como alvo a emergência climática.

A mensagem ilustra como a crise do clima e as medidas de mitigação entraram para o repertório de extremistas, incluindo forças políticas em crescimento na União Europeia. Com nuances diversas de negacionismo ambiental, partidos conservadores e da ultradireita podem ganhar espaço no Parlamento Europeu após as eleições de junho, quando serão eleitos os 722 representantes dos 27 países.

O resultado teria como consequência o enfraquecimento da ambiciosa agenda de ação climática proposta pela Comissão Europeia, braço executivo do bloco.

Comandada por Ursula von der Leyen, cotada para um segundo mandato, a comissão apresentou em 2019 o Green Deal, plano que tem como meta reduzir as emissões de gases com efeito estufa em 55% até 2030 e atingir zero emissões líquidas até 2050. Desde então, uma série de peças legislativas foram aprovadas para adaptar setores da economia e a vida da população. Há cinco anos, no entanto, o mundo era outro. Depois da "onda verde" que marcou a eleição europeia de 2019, em que partidos defensores da causa ambiental ganharam espaço no Parlamento e ficaram fortalecidos na Alemanha e na França, vieram a pandemia, a guerra da Rússia contra a Ucrânia e a alta da

inflação. Ao mesmo tempo em que Bruxelles progredia em suas propostas, aumentavam os questionamentos aos efeitos da transição verde. A maioria dos europeus se diz preocupada com mudanças climáticas, com percentuais que variam entre 84% na Itália e 66% na Alemanha, de acordo com levantamento do YouGov de agosto. Mas as convicções diminuíram diante de eventuais medidas como adaptar a casa para mais eficiência energética com próprios recursos ou aceitar a proibição da produção de carne movida a combustíveis fósseis. "Os cidadãos têm medo dos custos da transição ecológica e algumas forças políticas estão avançando essas preocupações para obter mais apoio",

diz Francesca Bellisai, analista de políticas europeias do think tank EUCO, especializado em mudança climática. "Uma amostra do sentimento de parte dos europeus é o movimento de agricultores na Alemanha, que na última semana parou ruas de diversas cidades com tratores, em protesto contra planos do governo de cortar subsídios ao diesel e benefícios fiscais para veículos agrícolas. Vários dos tratores exibiam faixas com o logotipo do partido de extrema direita Alternativa para a Alemanha (AfD), que usou cenários das manifestações para atacar a coalizão do primeiro ministro Olaf Scholz. No ano passado, o AfD milhou contra a legislação que impõe mudanças no aqueci-

mento a gás e óleo das casas, substituído por fontes de energia renovável. Em setembro, o governo se viu obrigado a enfraquecer o projeto de lei para que o texto fosse aprovado. Em segundo lugar nas pesquisas, com mais de 20% das intenções de voto, o AfD, além do discurso contra a imigração e contra a vacina, é negacionista em questões ambientais. O partido defende que não há prova científica de que as mudanças climáticas são causadas pela interferência humana e, portanto, não vê sentido nas medidas pensadas para barrar a crise do clima. Na pesquisa YouGov, os alemães (65%) são os que menos concordam que o clima está mudando como resultado da atividade humana.

rência nacional. A legenda lidera as pesquisas para a eleição de junho, com quase 10%. Para a analista Bellisai, essa é uma estratégia que acaba tendo resultados semelhantes ao negacionismo puro. "Esse alargamento tende a manter o status quo e o fornecimento de combustíveis fósseis por muitas décadas, o que também vai contra ao que diz a ciência", afirma.

As siglas na Alemanha, na Holanda e na França integram o mesmo grupo político no Parlamento Europeu, o Identidade e Democracia (ID). Segundo pesquisas, é aquele que mais deve crescer nas eleições, com 22 assentos a mais que em 2019, tornando-se a terceira maior bancada da Casa — as duas primeiras devem continuar sendo o Partido Popular Europeu, de centro-direita, e os socialistas, de centro-esquerda.

Outro que deve abanchar mais espaço é o grupo dos Conservadores e Reformistas (ECR), liderado pela primeira-ministra Giorgia Meloni, de ultradireita. Assim como na política externa, a italiana vem tratando a questão climática com pragmatismo, dentro do que chama de "ambientalismo não ideológico". "Para além da retórica, o governo Meloni tem investido na energia renovável. Poderia fazer mais, mas não ignora o problema", avalia Bellisai. Seu grupo no Parlamento Europeu, no entanto, quase sempre votou contra as legislações sobre o clima, assim como o Identidade e Democracia. Segundo análise realizada pelo EUCO, em 25 votações relacionadas ao clima nos últimos dois anos, o ECR votou contra 24 vezes, enquanto o ID, 18.

Em um cenário em que partidos críticos e negacionistas podem conquistar mais espaço, é esperado que o avanço das políticas climáticas da UE encontre mais resistência, juntamente em momento crucial para cumprir compromissos como os do Acordo de Paris.

"Os riscos são que algumas legislações da UE sejam esvaziadas de força normativa, que os objetivos de 2030 não sejam atingidos e que a UE perca seu papel de líder nas negociações sobre o clima", diz Bellisai.

Os europeus e a emergência climática

Pesquisa sobre 7.473 adultos nos sete países entre os dias 8 e 23 de agosto de 2023

Sentimento em relação às mudanças climáticas e seus efeitos

em %



* Valores arredondados
Fonte: Eurostat Climate Change Index

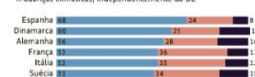
Influência da ação humana

em %



Atuação da União Europeia

em %



Negacionismo pode custar derrota a Donald Trump, diz estudo

SÃO PAULO Um estudo liderado pelo cientista político Matthew Burgess, da Universidade do Colorado, nos EUA, apontou que as preocupações com as mudanças climáticas tiveram um efeito significativo e crescente nas últimas eleições presidenciais dos Estados Unidos. O levantamento mostra ainda que o assunto tem favorecido os políticos democratas e que pode, inclusive, ter custado a derrota de Donald Trump no pleito de 2020.

Projeção dos pesquisadores aponta que Trump poderia ter obtido 7% de menos votos na última eleição presidencial caso tivesse demonstrado uma preocupação maior com a crise do clima, o que poderia ter lhe dado a vitória na disputa contra Joe Biden.

Em 2020, um terço dos eleitores republicanos que consideraram as mudanças climáticas "muito importantes" votaram no democrata.

A quantidade, disse Burgess ao site americano Semafor, representa apenas cerca de 3,5% do total de eleitores republicanos, mas em um pleito acirrado pode fazer a diferença. Neste ano, "parece provável que [o assunto] prejudicaria que [Trump] novamente", acrescenta o pesquisador.

O estudo foi feito analisando os dados de pesquisas sobre as eleições presidenciais de 2016 e 2020 nos Estados Unidos. Uma das descobertas é que um dos fatores preditivos mais fortes para a escolha do voto é exatamente a opinião dos candidatos sobre as mudanças climáticas.

Embora a análise aponte

que o tema é um assunto considerado importante para a maioria dos americanos (dois terços), apenas 12% dos eleitores consideram as mudanças climáticas como a sua principal preocupação. Uma minoria está disposta a aceitar os custos, como taxas de eletricidade mais altas, de uma política para frear o aquecimento global, segundo a publicação do Semafor.

Desta forma, analistas pontuam que, pode ser arriscado para Joe Biden apostar no tema em sua campanha de reeleição ao cargo.

Durante sua gestão como presidente, Trump retirou os EUA do Acordo de Paris, principal iniciativa global para frear as mudanças climáticas. O compromisso assumido pelo país era de reduzir

de 26% a 28% as emissões de gases causadores do efeito estufa até 2025. O governo de Barack Obama foi um dos fiadores do tratado. Na ocasião, Trump afirmou que a saída representava uma "reafirmação da soberania americana", já que, de acordo com sua leitura, o acordo "paralisa os EUA enquanto empodera algumas das nações mais poluidoras do mundo". Em 2021, na gestão de Biden, o país voltou a se comprometer com o Acordo de Paris. Trump é alvo de vários processos criminais e civis, algo que aparentemente não abala seus apoiadores, mas também pode atrapalhar o seu publicano na corrida eleitoral. Por enquanto, ele altera os comícios com comparecimentos aos tribunais, como

Tempestades matam 50 pessoas nos EUA

Fortes tempestades de neve atingiram os Estados Unidos nesta semana e causaram ao menos 50 mortes, informaram autoridades do país. Temperaturas congelantes, nevadas e gelo espesso provocaram acidentes fatais nas rodovias, alagamentos e transporte aéreo, fecharam escolas e causaram corte de energia elétrica. Milhares de pessoas estão sob alerta, se preparando para tempestades ainda mais baixas. Especialistas associam a ocorrência de eventos extremos às mudanças climáticas.

aconteceu nesta semana, com sua ida a um julgamento civil em Nova York para responder ao processo de difamação movido pela escritora E. Jean Carroll, que o acusou de ter cometido violência sexual.

Confirmando expectativas, Trump venceu na segunda-feira (15) a primeira batalha pela nomeação republicana da corrida pela Casa Branca, em Iowa. Com mais de 95% dos votos contados, o ex-presidente tinha obtido 57% dos votos — maior percentual angariado por um candidato em uma disputa do gênero. A distância dele para o segundo lugar, ocupado por Ron DeSantis, que teve 24% dos votos, foi de praticamente 30 pontos percentuais. Em terceiro lugar ficou Nikki Haley, com 19,1% dos votos.